LEITURAS COMPLEMENTARES

CADERNO 1

TEXTO 1

A Pedagogia de Projetos busca a re-significação do espaço escolar, a fim de que se transforme em um espaço vivo de interações, aberto à realidade e às suas dimensões

Lúcia Helena Alvarez Leite[1]

O trabalho com projetos favorece a possibilidade dos educandos perceberem-se como coautores de suas aprendizagens, o que lhes permite fazer escolhas, decidirem e se envolverem com essas escolhas, assumindo responsabilidades, planejando suas ações e sendo sujeitos em todo esse processo. O conhecimento passa a ser construído juntamente com o contexto em que está inserido, não sendo possível, assim, separar os aspectos sociais, emocionais e cognitivos contidos nesse processo.

Qualquer fenômeno da vida pode se configurar um problema de pesquisa. Pode ser uma inquietação ou uma posição a respeito do mundo, uma curiosidade, um tema emergente... Diante do problema, é importante trabalhar as maneiras de olhar o mundo que são diversas e como resultado desse esforço é que se constrói uma situação de aprendizagem em que os próprios estudantes começam a participar do processo de criação, uma vez que eles mesmos navegarão pelos livros, jornais, revistas, periódicos, informativos, internet e outras fontes de informação na busca de respostas para suas dúvidas.

O trabalho com projetos pode dar conta de alguns objetivos educacionais com maior profundidade, em particular o desenvolvimento da autonomia intelectual, o aprender a aprender, o desenvolvimento da organização individual e coletiva, bem como a capacidade de tomar decisões e fazer escolhas com o propósito de realizar pequenos ou grandes projetos pessoais.

Os temas do projeto podem ser indicados pelos educandos ou pelo professor, ou, ainda, por ambos. O principal é que sejam definidos em conjunto e que sejam questões bem próximas da realidade e do interesse dos educandos e da comunidade. Sua duração depende do planejamento dos professores, mas, sobretudo, dos acontecimentos, uma vez que a flexibilidade da organização é um importante elemento para que ele possa dar certo.

Um projeto pode ser desenvolvido em “etapas” ou “fases”. Leite et al (1998), Amaral (2000) e Vieira (1998) *apud* Simões, afirmam que para a organização e o desenvolvimento de projetos, três etapas são fundamentais:

A problematização – que é o início do projeto, os educandos expressam suas ideias e o conhecimento a respeito do tema em questão. Todos trazem consigo

---

[1] LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de Projetos: intervenção no presente. *Revista Presença Pedagógica*, v. 2, n 08. Belo Horizonte: Dimensão, Mar./Abr., 1996.
Também disponível em:
<http://www.cipo.org.br/eescolacomsabor/arq/TanaMesa_Artigo_pedagogiadeprojetos.doc>. Acesso em: jun. 2009.

hipóteses explicativas e a partir de então, a intervenção pedagógica surge.

O desenvolvimento – é a consequência natural da primeira etapa, ela surge da necessidade de se planejar as estratégias mais adequadas para que os objetivos do grupo sejam atingidos e buscando respostas para as questões propostas.

A síntese – esta fase é preparada desde o planejamento e prossegue ao longo do projeto com a previsão, organização e sintetização das informações coletadas. No momento da conclusão, avaliam-se os conhecimentos adquiridos, os procedimentos utilizados, as atitudes incorporadas e, sobretudo, se as questões que inicialmente foram levantadas estão resolvidas ou se existe a necessidade de ir adiante a partir do levantamento de novos problemas.

Há que se ressaltar que, apesar de essas etapas serem destacadas no desenvolvimento de um projeto, esses processos são contínuos e não podem ser reduzidos a um quadro esquemático e fragmentado.

Podemos ter projetos especificamente da turma ou da escola como um todo. Para essa segunda possibilidade, é muito importante que os professores se encontrem, estudem e planejem conjuntamente o tema e qual o projeto para desenvolvê-lo. Esse é um desafio das escolas e dos sistemas de ensino do nosso país que precisa ser superado para alcançarmos um trabalho mais coletivo e dinâmico em nossas escolas.

Nesse sentido, compreendemos que, para ser um projeto, o desenvolvimento do trabalho na sala de aula deve ter a participação dos educandos em algumas decisões, para que eles prendam também a analisar situações, tomar decisões e ter a experiência de pôr em prática o que foi planejado. Mesmo as resoluções que são tomadas previamente pelo professor devem ser explicadas e justificadas, ou seja, partilhadas com os educandos, tendo como referência a realização do projeto.

Pensamos que, além do acesso às informações e dos conhecimentos construídos com os projetos de trabalho, estaremos investindo em outras aprendizagens e saberes necessários à vida humana como: investigar, pesquisar, descobrir, redescobrir, interpretar, argumentar, comparar, ler e reler fatos e situações.

Vale ressaltar que nenhuma ação docente deve se dar sem a devida crítica e desvinculada de nosso interesse com o objetivo de buscar uma educação de qualidade para todos e uma sociedade mais igualitária. Há educadores que nos alertam que os projetos de trabalho são alternativas encontradas em outros países e, por isso, não representam uma fórmula mágica para resolver as questões educacionais brasileiras; que há muito por fazer para encontrarmos as alternativas que melhor atendam às nossas demandas. Eis uma considerável reflexão.

É importante reiterar sempre que os conteúdos escolares não são desprezados no trabalho com projetos. Ao contrário, eles ganham significado, são contextualizados, dinamizados e transformados em saberes construídos por meio da pesquisa e da investigação, ao invés da simples transmissão do professor e da memorização dos educandos.

TEXTO 2

Educação para Seres Humanos

O processo de aprendizagem ocorre, geralmente, em três etapas: atenção (interesse), fixação (repetição) e evocação (memória). Assim, estabelecem-se as redes neurais e cada vez que a aprendizagem acontece há uma mudança anatômica , uma alteração na estrutura do cérebro porque os neurônios passam a construir novas sinapses.

A partir das perspectivas educacionais trabalhadas, podemos construir novas redes neurais aos nossos cérebros. Podemos estar em um modelo de educação na perspectiva de "caçadores e coletores", colhendo apenas o que está pronto. Podemos, também, introduzir um modelo de educação que se baseie na causalidade das escolhas, introduzindo uma visão estratégica e suas conseqüências, aproximando-se da idéia de agricultura, onde colhemos o que plantamos. Podemos, ainda, ir além da idéia de causalidade, propiciando a transformação da visão interna de mundo. O mundo da ciência mudou várias vezes, mudando as perspectivas internas, por exemplo, antes na escola falava-se que o Brasil foi "descoberto" por Cabral, hoje, essa noção de "descobrimento" é, no mínimo, confusa porque o Brasil nunca esteve perdido e nunca foi achado. A mudança de referencias internos produz uma outra visão de mundo, cada conjunto de pressupostos internos produz uma visão externa correspondente.

Quando colocamos como referenciais de sucesso o consumismo, o êxito econômico, a competitividade, o modelo econômico vigente, imprimimos a sociedade do "ter", pois quantas pessoas cabem no primeiro lugar? Quando reproduzimos "pagando bem que mal tem?" Focamos estritamente o "sucesso", o êxito financeiro sem nos importarmos com o "como" chega-se a este êxito.

A educação tem construído que visão de mundo aos educandos? Qual o tipo de sociedade que esperamos colher a partir do estreitamento de tais visões?

Nessa perspectiva, somos nós os europeus chegando ao Brasil, pois, onde estão os nativos?

Caso estejamos educando dentro de uma visão econômica, trabalhamos hoje, então, com a noção de "Recursos Humanos", a escola vai oferecer pessoas para o mercado de trabalho. Queremos que os educandos se transformem em quê? Vamos transformá-los em "Recursos Humanos"? Se olharmos a perspectiva econômica como ponto central podemos pensar que, mesmo sendo seres humanos, se eles não obtiverem êxito econômico, eles não têm solução. Daí voltamos a examinar o paradigma econômico e verificamos que quando as crises ocorrem, o paradigma econômico é interrompido. Percebemos que os pressupostos econômicos funcionam como uma parte dentro da vida mais ampla. Quem pode garantir quais as profissões ou carreiras que terão êxito no futuro? Formar o educando para que mercado de trabalho? Haverá

mercado de trabalho como conhecemos? Não se trata de excluir a perspectiva econômica, mas observá-la como parte da vida e não o ponto central. Quando surge uma crise as regras econômicas são abandonadas e utilizamos a visão humana para o bem de todos. Constatamos isso quando bancos e empresas foram socorridos pelos governos, subvertendo as regras econômicas e, no argumento de manutenção de empregos, cadeia produtiva, etc, os governos transferem dinheiro para essas instituições e, os governos são formados por pessoas, quando os governos transferem o dinheiro das pessoas para socorrer tais instituições acabam aumentando o tempo de trabalho para adquirir a aposentadoria, aumentando tributos, encolhendo os serviços públicos, reduzindo investimentos em educação e saúde, aumentando o endividamento dos governos com essas mesmas instituições, ou seja, os cidadãos são compelidos a contribuir mais para gerar mais caixa para que o Estado continue operando. Em 2008 e 2009 as regras econômicas foram subvertidas para socorrer tais instituições. Hoje as pessoas estão reivindicando isso também, que as regras sejam subvertidas para promover o bem de todos e do planeta.

O referencial mais amplo é o que nos trouxe até aqui, nossos pais ou os que exerceram esse papel, cuidaram de nós além do referencial econômico, até podermos nos sustentar sozinhos. Nossos pais ou os que fizeram esse papel aplicaram recursos em nós “a fundo perdido”, como se diz na linguagem econômica, eles encontraram uma utilidade humana para nós.

De outro modo, ainda que tenhamos uma visão econômica, nós não trabalhamos pelo resultado econômico, trabalhamos para que esse resultado possa nos permitir cuidar de outras pessoas, assim, se não temos uma visão humana, a própria ação econômica perde o sentido.

Constatamos isso também quando verificamos famílias com filhos com problemas de drogas, a perspectiva econômica perde inteiramente o sentido e tudo o que buscamos é resgatar o sentido humano diante da desumanização que as drogas causam.

Esse processo de construção envolve a família, a escola, seus colaboradores, mantenedores, a comunidade escolar e toda a sociedade. Buscar o bem de todos vai além de uma “pieguice”, é questão de lógica e de bom senso.

O Sistema Tributário e o acompanhamento da aplicação do dinheiro público são caminhos onde essa perspectiva coletiva pode ser efetivada, perpassando a visão econômica, indo além dela para promover de maneira solidária o bem de todos. Assim, urge a necessidade de uma educação que contribua com essa construção humana, ética, igualitária, solidária. A escola é local de acolhimento social, depois da família é o segundo núcleo social ao qual pertencemos. Faz parte da educação e da escola dar nascimento social aos educandos de forma a propiciar a uma visão mais ampla de inclusão de todos, construindo de forma sustentável a possibilidade de uma sociedade mais humana, harmônica e empenhada na promoção do bem comum.

TEXTO 3

Desafios Sociais e Ambientais[2]

Frei Betto (15/05/2012)

Documento divulgado em dezembro de 2011 pelo Projeto Milênio, que monitora os Objetivos do Milênio, estabelecidos pela ONU, constata que, na última década, a mortalidade infantil teve redução mundial de 30%. Aumentou a escolaridade no ensino médio e diminuíram os conflitos armados.

Os principais problemas globais na atual década são as mudanças climáticas, a corrupção, o terrorismo e o narcotráfico. Em 2010, 90% dos desastres naturais foram causados por mudanças climáticas. Ceifaram a vida de 295 mil pessoas e deram um prejuízo US$ 130 bilhões! (...)

Constata a ONU que, embora tenha havido melhoria nos itens saúde e educação, comparados às décadas anteriores, ainda hoje cerca de 900 milhões de pessoas carecem de acesso à água potável, e 2,6 bilhões não dispõem de saneamento básico (no Brasil, 34,5 milhões de pessoas vivem sem este direito elementar, segundo o IPEA).

A desigualdade entre ricos e pobres se aprofunda, informa o documento. Mais de 900 milhões de pessoas (13% da população global) sobrevivem em extrema pobreza, e apenas 17 milhões terão saído desse estado de penúria em 2015 (cf. Banco Mundial, "Estado do Futuro 2011").

O **Projeto Milênio** alerta para a importância de se promover o desarmamento, reduzir o consumo de energia proveniente de combustíveis fósseis, e combater a corrupção e o narcotráfico. A ONU calcula que o crime organizado movimenta anualmente mais de US$ 3 trilhões, o dobro do orçamento militar do mundo. E cálculos do Banco Mundial indicam que os subornos absorvem US$ 1 trilhão por ano.

Para o Projeto Milênio, os governos devem implementar medidas educacionais e de transparência para conter a corrupção. Famílias e escolas precisam incutir nos mais jovens o horror à falta de ética e a autoestima baseada no caráter. Empresas já começam a premiar com salários extras funcionários que, no sistema de Disque-denúncia, apontam a corrupção de colegas. E é preciso aumentar o controle da sociedade sobre a administração pública, como é o exemplo da Ficha Limpa no Brasil.

Para se ajustar aos Objetivos do Milênio, nosso país clama por reformas: política, judiciária, agrária e tantas outras que corrijam os desmandos que ainda imperam, resquícios de uma mentalidade colonialista que considerava cidadãos apenas aqueles que possuíam propriedades.

---

[2] Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia.asp?cod_Canal=53&cod_noticia=21081so>. Acesso em: 13 ago. 2012.